



NEGRITUDE EM ESCRITA: A EXISTÊNCIA NEGRA EM CONCEIÇÃO EVARISTO E FRANTZ FANON

Doi: 10.62506/phs.v5i2.191

Blackness in writing: The black existence in Conceição Evaristo and Frantz Fanon

LUCAS RAMALHO DE ALMEIDA**
NILSON LUCAS DIAS GABRIEL***

Negritud en escritura: La existencia negra em Conceição Evaristo y Frantz Fanon

Resumo: A vivência da negritude diante da colonialidade sofre um silenciamento em diversos âmbitos entre eles a literatura e a psicologia hegemônica. Este trabalho teve como objetivo analisar na obra de Conceição Evaristo a expressão da experiência da negritude traçando um diálogo com Frantz Fanon. Esta escolha se deu diante da proposta da Escrivência de Evaristo, que mistura realidade e ficção focalizando a existência negra. Foi realizada assim uma análise de conteúdo seguindo os procedimentos de Bardin, o material selecionado foi o livro “Olhos D’Água”. Para a análise foi utilizado o referencial teórico de Fanon, que se debruçou sobre os impactos da colonialidade e do racismo para a psique negra, aliado a Psicologia Fenomenológica-Existencial e o pensamento decolonial. A análise evidenciou cinco categorias temáticas: 1. Valorização da Ancestralidade Preta; 2. Projeções Para Um Futuro; 3. Subalternidade da Pessoa Negra; 4. Objetificação do Negro e 5. O Lugar da Mulher Preta. Estas permitiram o estabelecimento de importantes pontos de convergência entre a escrita de Evaristo e as proposições de Fanon, desvelando a condenação imposta à existência negra. Nota-se a importância de uma atuação profissional que se atente às particularidades e consequências destas vivências junto à população negra.

Palavras-chave: Literatura Negra; População Negra; Psicologia Fenomenológica-Existencial.

Abstract: The experience of blackness is silenced in a multitude of areas in face of coloniality, among them literature and hegemonic psychology. This study had as objective to analyze in Conceição Evaristo’s work the expression of black experiences and establish a dialogue with Frantz Fanon. This choice was made given Evaristo’s proposition of Escrivência, which mixes reality and fiction, focusing on the black existence. A content analysis was conducted following the procedures of Bardin, the material selected was the book “Olhos D’Água”. For the analysis it was utilized the theoretical framework of Fanon, that studied the impacts of colonialism and racism to the black psyche, along with Phenomenological-Existential Psychology and decolonial thought. The analysis evidenced five thematic categories: 1. Appreciation of Black Ancestry; 2. Projections for a Future; 3. Subalternity of the Black Person; 4. Objectification of the Black and 5. The Place of the Black Woman. Those allowed the establishment of significant points of convergence between Evaristo’s writing and Fanon’s propositions, unveiling the damnation imposed to the black existence. The relevance of a professional conduct that is mindful of the particularities and consequences of those experiences on the black population is highlighted.

Keywords: Black Literature; Blacks; Existential-Phenomenological Psychology.

Resumen: La experiencia de la negritud es silenciada por una multitud de áreas frente al colonialismo, entre ellas literatura y psicología hegemónica. Este estudio tuvo como objetivo analizar en el trabajo de Conceição Evaristo la expresión de experiencias negras y establecer un diálogo con Frantz Fanon. Esta decisión fue tomada dada la proposición de Evaristo de Escrivência, la cual mezcla realidad y ficción, enfocándose en la existencia negra. Un análisis de contenidos fue conducido siguiendo los procedimientos de Bardin, el material seleccionado fue el libro “Olhos D’Água”. Para el análisis fue usado el marco teórico de Fanon, que estudió los impactos del colonialismo y racismo en la psique negra, junto con la Psicología Fenomenológica-Existencial y pensamiento decolonial. El análisis evidenció cinco categorías temáticas: 1. Apreciación de Ascendencia Negra; 2. Proyecciones para un Futuro; 3. Subalternidad del Negro; 4. Objetivación del Negro y 5. El lugar de la Mujer Negra. Estos permitieron el establecimiento de significativos puntos de convergencia entre las escrituras de Evaristo y las proposiciones de Fanon, revelando la condena impuesta en la existencia negra. Es resaltada la relevancia de una conducta profesional que es consciente de las particularidades y consecuencias de esas experiencias en la población negra.

Palabras-clave: Literatura Negra; Población Negra; Psicología Existencial.

* Agradecimento ao professor Dr. Gustavo Alvarenga Oliveira Santos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro cuja orientação, introdução a Fanon e muitos dos temas aqui explorados possibilitou a existência deste trabalho.

** Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Email: adotlucasr@gmail.com. Orcid: 0009-0000-8132-6165

*** Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Centro Universitário Cidade Verde (UniCV-Maringá/PR). Email: nlucasdegabriel@gmail.com. Orcid: 0000-0002-5582-5419.



Introdução

O presente estudo se refere a uma análise de conteúdo (Bardin, 2016), seguindo os procedimentos da análise temática para traçar uma interface entre as vivências desveladas na Escrivência de Conceição Evaristo e a psicologia por meio do arcabouço teórico de Frantz Fanon e a psicologia fenomenológica-existencial. A escolha pela obra de Evaristo se deu mediante à sua proposta da Escrivência, uma escrita que parte das particularidades de sua experiência como mulher negra, inserindo-se no universo acadêmico e literário ao propor dar voz a narrativas que têm sido majoritariamente ignoradas. Neste sentido, a análise realizada a partir das proposições do psiquiatra martiniquense Frantz Fanon se faz relevante frente sua contribuição quanto à negritude e as implicações do racismo e colonialismo sobre a psique da pessoa negra associado ainda ao pensamento decolonial em sua interface com a psicologia fenomenológica-existencial.

Conceição Evaristo

A escritora e acadêmica Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946. Evaristo é graduada em literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1996, com a dissertação “Literatura Negra: uma poética de nossa afrobrasilidade”, e doutora pela Universidade Federal Fluminense em 2011 com a tese “Poemas malungos, cânticos irmãos”. Evaristo é autora de livros que centralizam narrativas femininas e negras, entre estes destaca-se *Olhos D’Água* (2014) que foi material do presente estudo.

Evaristo (2009) nota uma resistência à chamada “literatura negra” no universo literário, que é permeado predominantemente por autores e narrativas brancas. Para a autora, apesar dos debates acerca da legitimidade de uma literatura negra, esta “ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico” (Evaristo, 2009, p. 19).

Assim Evaristo aponta que o protagonismo negro que caracteriza a textualidade afro-brasileira vai contra o observado na literatura hegemônica, sendo que nesta não há uma ocultação da identidade negra dos personagens e estes “são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira.” (Evaristo, 2009, pp. 18-19).

Cabe notar que Evaristo (2009), assim como Fanon (2008), ao abordar a ideia de raça o faz enquanto construto social e não como categoria biológica, neste sentido o negro se dá a partir de um atravessamento histórico instaurado mediante o processo colonial para além de adotar determinada noção de essência negra. O ponto de visto defendido pela autora se baseia, portanto, na influência e centralidade da vivência da pessoa negra na chamada literatura negra.

Frantz Fanon

Frantz Omar Fanon foi um psiquiatra nascido em 1925, na colônia francesa da Martinica, tendo falecido em 1961 em decorrência de uma leucemia. Dentre os cinco livros publicados em vida e após a morte do autor destaca-se *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952) e *Os Condenados da Terra* (1961), que guiaram a análise realizada no presente estudo e discorrem sobre o processo de descolonização, para o qual Fanon contribui, e o adoecimento mental vistos na população colonizada assim como os efeitos do racismo e da violência colonial para a pessoa negra.

Apesar de realizar um caminho próprio a partir de sua perspectiva sociogênica, que ao lado da ontogenética freudiana e da filogenética da fisiologia corresponde a uma solução metodológica visando dar conta da dialética entre a subjetividade e a objetividade das relações humanas (Gabriel, 2022). É importante notar a influência de Sigmund Freud (1856-1939), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Jacques Lacan (1901-1981), Aimé Césaire (1913-2008), entre outros autores da negritude, da psicanálise, da fenomenologia existencial e do marxismo para sua obra (Sapede, 2011).

Percebe-se que Fanon (2008; 1968) utiliza da experiência vivida do negro para descrever os conflitos psíquicos germinados diante dos processos de racismo e racialização, além de se debruçar sobre a configuração colonial, suas tradições de opressão e os esforços para a libertação dos povos. Evaristo (2009; 2014), por outro lado, utiliza-se de sua própria experiência e a de outras pessoas negras, as formalizando em ficção na criação de suas obras que revelam muito da vivência de mulheres e homens negros no Brasil, não se esquivando de temas como a morte, a violência, a fome, o racismo entre tantos outros aspectos da marginalização sofrida pela população negra.

Neste sentido, ambas as referências utilizam sua própria experiência (e a de outras pessoas) para descrever, discutir e ampliar o entendimento sobre a negritude, mesmo que com propósitos e em áreas diferentes. Por fim, é possível diferenciar em Fanon a negrura e a branca enquanto imposição colonial e a *negritude*



defendida pelos movimentos negros com os quais Fanon dialogou em sua produção teórica (Fanon, 2008).

Articulação entre Fanon e Evaristo

A confluência nos achados teóricos de Fanon e na literatura de Evaristo apontam para a relevância não só desta articulação entre as obras, mas da necessidade do olhar atento na clínica para as particularidades da vivência da negritude e do racismo, bem como as implicações deste para a saúde mental desta população e o manejo clínico utilizado ao abordar esta temática.

Neste sentido, estudos como o de Gouveia e Zanello (2019) e Veiga (2019) demonstram a necessidade de melhor formação de psicólogos/as frente aos temas raciais, uma vez que é possível se ver na clínica, assim como nas instituições e na construção e aplicação de políticas públicas, o silenciamento ou reprodução da violência sofrida pela população que se deveria auxiliar. Os autores pontuam ainda uma marcada universalização da condição humana quanto aos efeitos do racismo quando este é trazido à cena na clínica, impedindo assim um tratamento propriamente terapêutico destas questões.

No âmbito literário, para Evaristo (2009), ao escrever não existe um desvencilhamento de sua experiência de mulher negra, “corpo-mulher negra em vivência” (p. 18), estas experiências definiriam sua escrita de forma que um corpo não negro e mulher não poderia experimentar. Para Bispo e Lopes (2018), este argumento aponta para a base do que a autora define como “escrevivência” (Evaristo, 2009), em que sua experiência pessoal, enquanto mulher, negra e pobre, define tanto o conteúdo da escrita quanto a ‘lente’ pela qual Evaristo imprime sua visão de mundo em narrativas e personagens.

Barossi (2017), ao se debruçar sobre as obras de Evaristo, ressalta também a natureza questionadora da escrevivência, associando-a ainda à escrita de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), mulher e autora negra que ganha notoriedade ao publicar seus diários, onde relata a experiência da pobreza, da fome e marginalização no livro *Quarto de Despejo*, em 1960. Ainda para Barossi (2017), Evaristo e Jesus ao tomar como base a própria história e vivência utilizam “uma montagem de memória, história, experiência e poética” (p. 36), trazendo assim para o universo literário estas narrativas antes silenciadas que explicitam, entre outras coisas, as opressões sofridas na pele.

Dalcastagnè (2008) faz um levantamento dos estereótipos, do apagamento e a tentativa de “embranquecimento” presentes em personagens negros na literatura brasileira. Entre romances publicados nos 15 anos anteriores, 80% dos personagens eram brancos, 84,5% entre protagonistas, já em relação aos autores 93,9% eram brancos. Dados atualizados da mesma autora publicados pela revista *Cult* demonstram que entre 2005 e 2014 esta tendência se manteve, 97% dos autores e 77,9% dos personagens eram brancos (Massuela, 2018).

A escrevivência seria, portanto, uma ferramenta que permite através da escrita e da narrativa uma reconstrução das vivências e da identidade da autora, permeadas por relações de poder e subalternidade que por fim apresentam não apenas uma experiência particular, mas a de um “eu” coletivo aliado à ficção (Soares & Machado, 2017). Trata-se de uma valorização de histórias que pertencem e remetem a um povo que historicamente teve sua voz e discurso silenciado; o que é um esforço notável ao se pensar no pouco alcance e produção literária sobre as vivências, experiências e a opressão cotidiana vivida pela população negra (Dalcastagnè, 2008).

A partir da análise das narrativas presentes na literatura brasileira, é possível demonstrar alguns pontos em comum entre personagens negras, geralmente partindo de estereótipos e relegados à papeis de pouco destaque ou com implicações racistas. Evaristo (2009) denota entre estes a fala estereotipada ou até mesmo a falta de diálogo, e uma valorização de personagens pardos em narrativas que remetem ao embranquecimento como objetivo ou destino final das personagens e seus descendentes.

Em concordância, Fanon (2008) propõe que, no que se refere às pessoas negras, o casamento interracial, a miscigenação dos filhos resultantes destes relacionamentos, a necessidade de afastamento das colônias, além da escalada social para círculos dominados por importantes figuras europeias, eram tidos como objetivos ou finais felizes pelas personagens, além da animalização e vilanização da negrura (Fanon, 2008). Sua análise permite entender a identificação ou tentativa de identificação com o branco europeu, e a impossibilidade de resistência desta frente ao confronto com o colonizador: “Subjetivamente, intelectualmente, o antilhano se comporta como um branco. Ora, ele é um preto. E só o perceberá quando estiver na Europa; e quando por lá alguém falar de preto, ele saberá que está se referindo tanto a ele quanto ao senegalês” (Fanon, 2008, p. 132).

Fanon entende que o preto é uma criação europeia na tentativa de justificar a dominação exercida pela colonização, criando assim um complexo de inferioridade na pessoa negra, que passa a ser afastado daquilo que é tido como superior e, portanto, branco. A intelectualidade do europeu seria contrastada aos instintos primais que são atribuídos ao negro, equiparado a um animal com impulsos sexuais e agressivos marcantes (Fanon, 2008). Esta atitude, por fim, incorreria em um “duplo narcisismo” em que negros estão presos à sua negrura e brancos à sua branquidão. Portanto, na tentativa de construir para si uma imagem dissociada da carga negativa que sua negritude carrega, o colonizado tentaria equiparar-se ao Outro (branco); desse modo, “para o negro há apenas um destino. E ele é branco.” (Fanon, 2008, p. 28).

A negação de si como negro colocaria o colonizado num confronto psíquico contra si mesmo, e deste confronto nasceria o referido “complexo de inferioridade” que será por fim instrumentalizado pelo colonialismo europeu (Sapede, 2011). Este complexo se iniciaria já na infância diante do confronto entre as referên-



cias familiares imediatas à criança e o universo público marcado pela dominação europeia. Neste sentido, a falta de heróis e heroínas, personagens e narrativas que centralizem o negro como figura para além dos estereótipos contribuiria ainda mais para o desenvolvimento deste complexo (Fanon, 2008).

Estes fatores levariam a um “desmoronamento do ego” na pessoa negra, e sua ação passaria a ser endereçada a um Outro (branco), pois somente ele poderia a valorizar. Haveria também uma projeção na pessoa negra de tudo aquilo que é considerado impróprio, inferior ou indesejável, o que causaria no branco assim como no negro uma alienação de sua própria humanidade (Fanon, 2008).

Para Fanon (2008, p. 28), “... a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há um complexo de inferioridade após um duplo processo: inicialmente econômico; em seguida pela [...] epidermização dessa inferioridade.” Assim, o psiquiatra propõe que a alienação na pessoa negra não se trata de uma questão individual, mas responde a uma realidade social interiorizada por ela, à qual ela deve se dar conta e por fim comprometer-se com sua modificação. Esta alienação assim só poderia ser tratada terapêuticamente quando articulada à ação do sujeito (Fanon, 2008; Sapede, 2011).

Sobre a questão de ancestralidade, Fanon a tenciona ao defender que a pessoa negra não deve se prender à figura desumanizada que foi feita de seus antepassados “Não sou prisioneiro da História. Não devo procurar nela o sentido do meu destino.” (2008, p. 189), não obstante, Fanon também ressalta a importância (e dificuldade) de sempre se ter em mente passado, presente e futuro sem deixar-se tomar por qualquer um deles. Assim, o passado, a memória e a tradição apesar de importantes não devem impedir a possibilidade de criação de um novo modo de vida (Fanon, 2022).

Evaristo também pontua a importância da historicidade para a construção da identidade da pessoa negra. Neste sentido, a consciência histórica influenciaria na coesão de um grupo social cujos antepassados tiveram esta extirpada como ferramenta colonial para sua dominação, permitindo também sua transmissão para futuras gerações e servindo, por fim, como forma de resistência e permitindo a construção de identidades pautadas na história compartilhada, na opressão sofrida, e nos aspectos culturais e religiosos retomados e transformados frente à diáspora (Santos, 2017; Evaristo, 2009).

Quanto às questões de gênero, estas se dão como tema central nas obras de Evaristo, sendo discutida também em sua produção acadêmica (Evaristo, 2007; 2009; 2014), Fanon por outro lado não traz o gênero como focal em seu trabalho, apesar de abordar como o imperialismo europeu cria uma inferiorização e a instrumentaliza na opressão dos povos, negando ao colonizado a condição de humano, se aliando ao patriarcalismo conforme apontam leituras feministas de Fanon (Ferrara, 2019; Gordon, 2015).

Assim, neste trabalho se mostrou importante buscar fontes auxiliares que articulem a proposta de Fanon e a temática da negritude às questões de gêneros trazidas em cena na obra de Evaristo, entre estas fontes estão: Souza (1983) diante das vivências de mulheres negras abordadas pela autora; Lélia Gonzalez (1984) quanto a dupla incidência do racismo e sexismo sobre a mulher negra brasileira; e Patricia Hill Collins (2000) quanto as imagens de controle associadas à mulher negra.

Fanon e a Fenomenologia-Existencial

Alguns autores (Hall, 1996; Maldonado-Torres, 2007; Gordon, 2015; Santos, 2017; Faustino, 2020; Santos, 2022; Gabriel, 2022) discutem a aproximação entre Fanon e a fenomenologia existencial, discussão esta que pode ser traçada desde os diálogos críticos estabelecidos pelo psiquiatra martinicano em suas obras (Gabriel, 2022).

Santos (2022) argumenta que a psicologia fenomenológica-existencial tem o mesmo ponto de partida do pensamento decolonial: a evidenciação da vivência cotidiana imediata. A crítica à suposta universalidade das teorias eurocêntricas da fenomenologia existencial e a valorização das experiências latino-americanas, africanas e asiáticas seria o que caracteriza este segundo movimento. As origens deste pensamento podem ser traçadas já nas décadas de 1960 e 1970 com pensadores como Enrique Dussel e Rodolfo Kusch, tendo sua consolidação nos anos 2000 com as contribuições de Dussel e Maldonado-Torres em particular no que se refere ao diálogo com o pensamento fenomenológico (Santos, 2022).

Uma aproximação possível entre Fanon e a Psicologia Fenomenológica-Existencial é discutida por Santos (2017), tendo como base autores como Maldonado-Torres (2007), que traçam paralelos entre o pensamento fanoniano e a fenomenologia ao propor que a posição subalterna do negro seria uma subontologia do ser. Esta poderia então ser entendida ainda como uma existência condenada (*Damnè*), configurada como uma “degradação” do *Dasein* de Heidegger.

Por outro lado, em diálogo com Sartre, Fanon propõe que diferentemente do Europeu branco condenado à própria liberdade, há para o negro colonizado uma condenação ao *Ser o que se é* expressa, em última instância, na própria pele (Santos, 2017; Fanon, 2008; Maldonado-Torres, 2007). Neste sentido, conforme aponta Gabriel (2022), a humanidade condenada à liberdade em Sartre sob o julgo colonial analisado por Fanon (1968) é uma humanidade condenada à sua desumanização.

Ainda sobre a relação entre Sartre e Fanon, Faustino (2020) salienta a importante influência que Sartre e a fenomenologia existencial tiveram sobre a obra fanoniana, elencando sua noção de subjetividade, sujeito, e



singularidade humana assim como o manejo clínico desenvolvido por Fanon como áreas particulares em que esta influência pode ser observada.

Gabriel (2022) aponta também a influência de Fanon para a psicologia existencial, pontuando sua historicização da ontologia como área de particular interesse, e ainda seu debate com Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e Beauvoir, salientando em particular não só as aproximações, mas também as subversões realizadas por Fanon aos pensamentos de Sartre e Hegel ao posicionar o negro frente à intencionada universalização dos autores. Nota-se por fim, a influência de Simone de Beauvoir e Karl Jaspers, e o silêncio quanto a estas duas últimas influências inclusive por parte de Fanon (Faustino, 2020; Gordon, 2015).

Entretanto, apesar das possíveis aproximações existem também divergências nos posicionamentos de Fanon quanto à Fenomenologia-Existencial e outros autores que influenciaram seu trabalho. Em seu diálogo com a fenomenologia Fanon aponta a razão paradoxal que sustenta esta, ou seja, o engano realizado pelos autores europeus ao considerarem a si mesmos como “Ser Absoluto” (Gordon, 2015; Faustino, 2020; Santos, 2022).

Faustino (2020) denota que Fanon se afasta do Marxismo de Sartre ao apontar o racismo não como uma “segregação econômica” como entende Sartre, mas como elemento que torna possível o sistema colonial e que por fim seria um dos alicerces da própria modernidade. O autor também esclarece que diferentemente de Sartre (e Hegel quanto ao sujeito-objeto), para Fanon, diante da colonialidade, o sujeito não pode ser *para-si* absolutamente frente às determinações psíquicas e sociais pelas quais é atravessado. Faustino (2020) ainda demonstra que enquanto Sartre e Fanon concordam quanto a possibilidade de escolha pelo sujeito objetificado entre a “insuportável segurança” da submissão e a batalha mortal pela emancipação, mas para Fanon, o sujeito apenas se efetiva enquanto tal quando faz uso do impulso agressivo ou violência não contra seus iguais como usualmente ocorre nas colônias, mas contra as forças opressoras, de forma a atuar num processo que permite a modificação social e, portanto, do sujeito.

Fica claro que Fanon apesar de contar com diversas influências faz um caminho próprio ao direcionar seu olhar à questão colonial de forma crítica a estas. Para isso, Fanon cria o que Gordon (2015) nomeia como uma “fenomenologia própria (fanoniana)” (p. 73) que só seria possível na sua mediação com a escrita Cesarriana e que se daria a partir da experiência vivida e o colapso do simbólico, e que poderia dar conta, por fim, da profundidade da questão do racismo e da racialização enquanto forma de reprodução do colonialismo, e ainda, da importância deste tema para qualquer proposta que vise a emancipação dos povos (Faustino, 2020).

Deste modo, a contribuição teórica de Fanon, especialmente no que se refere aos efeitos psicológicos do processo de colonização sofrido nas colônias pode auxiliar a psicologia fenomenológica-existencial ao viabilizar um melhor entendimento das condições específicas das populações colonizadas e, em consequência, modalidades terapêuticas mais próprias a ela (Santos, 2017) sendo importante ferramenta para a análise realizada neste estudo.

Método

O presente estudo se trata de uma pesquisa descritiva documental qualitativa de caráter compreensivo. A pesquisa qualitativa é uma abordagem multifacetada que oferece uma ampla gama de procedimentos permitindo a realização de estudos aprofundados sobre temas diversos sendo amplamente utilizada na área das ciências humanas (Yin, 2016). Já a pesquisa documental se utiliza de uma variedade de materiais não restritos a documentos científicos ou analiticamente tratados (Gil, 2002).

Neste estudo foi utilizado como fonte de dados o livro *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo que reúne (15) contos da autora originalmente publicados na série *Cadernos Negros*, os contos se ambientam em favelas e nas ruas e contam com temáticas como a pobreza e a violência urbana, centralizando mulheres negras em sua narrativa. A escolha se deu devido à natureza do trabalho que permite uma maior variedade de trabalhos, personagens e narrativas ao mesmo tempo em que estas apresentam conexões temáticas umas com as outras e exemplificam a Escrivência da autora, em acordo com os objetivos deste trabalho.

A análise de dados foi realizada de acordo com os procedimentos descritos por Bardin (2016) seguindo a metodologia da análise de conteúdo, de cunho temático. A análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas ou instrumentos metodológicos que tem como objetivo final a busca do sentido em diferentes fontes de conteúdo, sejam eles verbais ou não (Bardin, 2016; Silva & Fossá, 2015). Assim, o analista deve ao mesmo tempo compreender o sentido da comunicação como se fosse o receptor normal desta, e também realçar um sentido que se encontra em segundo plano, atingindo assim um outro significado que não o primeiro, podendo este ser de natureza psicológica, sociológica, histórica, etc. (Bardin, 2016; Leite, 2017).

Para cumprir com estes objetivos, Bardin (2016) divide a metodologia em três partes: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados. A pré-análise é descrita como a fase de organização, e nela o pesquisador deve operacionalizar e sistematizar a ideia inicial dando forma às próximas etapas do desenvolvimento da pesquisa. No presente estudo, optou-se pela realização da análise de um único documento, o livro *Olhos d’água* de Conceição Evaristo.

Na segunda etapa, foram realizados os recortes do texto em unidades de registro e contexto e a classificação destas em categorias baseadas na teoria de orientação do estudo. A primeira operação consiste na definição de unidades de registro, no caso temática. Para Bardin (2016), o tema é uma unidade de significação que



se desvela a partir do texto analisado de acordo com alguns critérios referente à teoria que orienta o estudo. Foram destacados no texto do livro as unidades de sentido que trouxessem à tona as vivências e implicações do ser negro e do racismo vivido, tendo como base o arcabouço teórico de Frantz Fanon e da Psicologia Fenomenológica-Existencial. Após este processo as unidades de sentido foram compiladas em uma tabela e dadas em categorias (20) que depois foram combinadas em temas (5) sendo estes o eixo central da análise propriamente dita.

O tratamento dos resultados e interpretação diz respeito ao tratamento dos resultados brutos tornando-os significativos e válidos, podendo o pesquisador a partir destes propor inferências e interpretações. No presente estudo a análise se deu de acordo com a obra de Fanon (2008) e estudos sobre relações raciais, sendo atribuição do pesquisador utilizar os dados obtidos para traçar inferências válidas e relevantes frente aos seus objetivos e o material disponível.

Deste modo, as categorias valorização da negritude, ancestralidade preta, sofrimento compartilhado e perda da identidade negra foram combinadas no tema 1. Valorização da Ancestralidade Preta. No tema 2. Projeções Para Um Futuro foram combinadas as categorias resistência/esperança e expectativa para o futuro. Já no tema 3. Subalternidade da Pessoa Negra as categorias foram: perda de sentido da vida, vida como dor/sofrimento, fome e miséria, repressão e violência policial/estatal, presença de perigo, violência ou morte, criminalidade, desprezo diante da negritude, o negro como perigoso, exposição ao abuso/exploração. No tema 4. Objetificação do Negro, uniu-se as categorias sexualização/objetificação do negro e (in)expressão da sexualidade. Por fim, no tema 5. O Lugar da Mulher Preta, as categorias foram violência contra a mulher, maternidade, rejeição do papel social da mulher. A partir deste processo de organização pôde-se evidenciar o sentido dos temas encontrados e sua relação com a obra de Fanon e a literatura da área.

Resultados e Discussão

Valorização da Ancestralidade Preta

O primeiro tema explícita a noção de ancestralidade, conforme vista em Evaristo (2009) e Santos (2007) em sua conexão com a valorização da negritude, isto se dá por meio do apego dos personagens ao núcleo familiar constituindo uma história pessoal com figuras marcantes das gerações anteriores (por vezes conhecidas apenas através de relatos) retomando ainda uma africanidade por meio de nomes, referências culturais e religiosas; essa conexão permite uma valorização da origem dos personagens, de sua pele, de suas vivências, além da reivindicação de suas conquistas e também uma validação de suas dores. Permite, por fim, um olhar para o futuro e a esperança para com as gerações seguintes.

Entende-se que esta conexão histórica é um esforço por parte do negro, que teve suas raízes apagadas pelo processo de colonização e escravidão, e é este o esforço, e sofrimento, que pode ser percebido no texto. Em concordância, Sousa e Freitas (2021) apontam que o retorno ao passado é a tentativa de reconstrução da identidade roubada pela diáspora, e se dá pela tentativa de reconstrução de sua história a partir de uma árvore genealógica com sua raiz na África. A importância disto fica claro em Olhos D'Água (2014), onde a noção de retorno e o espelhamento entre as gerações, particularmente femininas, demarca a importância da ancestralidade e da conexão geracional mediada pelas dores e vivências compartilhadas que implicam a negritude.

Ao mesmo tempo, pode-se perceber também que este esforço caminha em conjunto com a desvalorização sofrida no dia a dia. O retorno, como pode ser visto no trecho do conto "Olhos D'Água", implica em uma partida anterior em busca de condições melhores. De modo similar à retomada de conexões familiares ou ancestrais perdidas ou negligenciadas, a valorização da africanidade pode caminhar lado a lado a uma rejeição à realidade latino-americana na qual se nasceu e foi criado, como no conto "Os Amores de Kimbá".

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. *Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias.* Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? [...] *Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe...* (Evaristo, 2014, p. 18, todos os grifos são nossos)

Em "Os Amores de Kimbá", o nome africano traz ao protagonista a sensação de casa, que o próprio nome não trazia. "Zezinho gostou mais do apelido do que do próprio nome. Sentiu-se mais em casa com a nova nomeação." (Evaristo, 2014, p. 88). Neste sentido, é possível também pensar em uma rejeição à realidade enfrentada por Zezinho, que nasce e cresce na favela em meio a tantos outros 'Zezinhos' enquanto que Kimbá, apelido dado por um amigo branco e rico, denota tanto sua africanidade quanto o afastamento da favela e a miséria.

Para Fanon (2008), a valorização da negritude é uma resposta à discriminação sofrida pela pessoa negra,



frente a esta há uma tendência a valorizar aquilo que foi demonizado, assim parte-se da negrura imposta pela colonização à valorização da negritude, ao mesmo tempo, a rejeição tanto da negrura quanto da negritude é também uma resposta possível.

Neste sentido, os dois contos citados oferecem bons exemplos do afastamento, que pode caminhar em conjunto ou ser confundido com a ascensão social da pessoa negra, e a valorização da negritude e da ancestralidade em contraposto. É interessante notar ainda que Fanon (2008; 2022) apesar de notar a importância do passado e da historicidade demarca a necessidade de não se prender à figura de ancestrais desumanizadas (tanto brancos quanto negros), para o autor antes de haver uma valorização propriamente dita deve haver uma desalienação, um encontro de si capaz de gerar a libertação da condição colonial.

Projeções Para Um Futuro

No segundo tema fica claro o anseio de um futuro, por vezes melhor, se não para os personagens centrais dos contos para seus filhos ou netos. Mesmo que se antecipe também o sofrimento, Evaristo demonstra diversas formas de resistência, seja através da esperança de formas de vida melhores ou da utilização das “ferramentas” disponíveis, desde a escrita aos relacionamentos dos personagens.

A perspectiva de melhoria parte por vezes do sentido monetário, ou de escalada social, por vezes a partir de estudos como a menina Querença “Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda.” (Evaristo, 2014, p. 37).

As ambições de uma vida melhor através do estudo, com acesso a melhores condições de vida e oportunidade indica também um distanciamento da miséria associada à negritude. Fanon (2008) e Souza (1983) notam que essa ascensão tem como consequência o apagamento (ou tentativa deste) da identidade negra, a lógica colonial dita que a pessoa negra deve tornar-se branca se quer um futuro melhor.

Outra estratégia adotada nos contos de Evaristo é o crime, o que indica para o ciclo de repetição da violência colonial ao qual os personagens são submetidos, uma vez que seu futuro parece ser quase todo definido pela sua condição de origem e sua pele. Isto é ainda melhor exemplificado pela expectativa de (mais) dor no futuro junto às esperanças lançadas pelos personagens. Sejam quais forem as alternativas escolhidas, a escalada social implica em uma luta, que pode ter como preço a própria identidade negra.

A expectativa quanto ao futuro, não obstante, pode também ser vista a partir da resistência à realidade atual das personagens, que não deixam de ter esperanças para seu futuro ou o de outros. É interessante notar que uma destas formas é a própria escrita, além daquela encontrada nas próprias relações das personagens:

Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa e separa com violência os dois mundos. Ela sabe que a verdade da telinha é a da ficção. Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. [...] Entre Dorvi e os companheiros dele havia o pacto de não morrer. Eu sei que não morrer, nem sempre é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas. [...] “Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (Evaristo, 2014, pp. 108-109)

Subalternidade da Pessoa Negra

O terceiro tema demonstra o lugar de subalternidade ao qual a pessoa negra é submetida, seja a partir da violência estatal (inclui-se aqui a miséria, a fome, a repressão policial) ou da violência resultante desta, e o imaginário que persegue o negro onde quer que este vá. O resultado observado nos contos de Evaristo é a percepção da vida como fonte de dor e sofrimento, por vezes com sua total perda de sentido; a tragédia deste modo é uma companheira constante dos personagens nos contos.

Dentre os aspectos explicitados no livro, a noção da vida enquanto sofrimento circundada pela violência, morte, repressão e racismo que constituem a marginalização do negro permitem exemplificar a noção de degradação do *Dasein* de Heidegger (Santos, 2017). O *Dasein* se dá como “uma clareira de liberdade” (Santos, 2018, p. 80), espaço onde se autoconstitui assim como o ser dos entes a sua volta, lançando-se em um projeto para Ser. Neste sentido uma crítica apontada por Maldonado-Torres (2007) é de que ao basear a noção de Ser no *Dasein* europeu, Heidegger abandona a questão colonial, instaura-se deste modo uma colonialidade do Ser que coloca as populações negras e indígenas, ou seja, este Outro não europeu e não reconhecido como *ser* (no lugar de não-ser) ou como ente invisível (p. 150), não pensante, não dotado de humanidade e portanto, passíveis de serem colonizadas e escravizadas.

É importante notar que o não-ser se dá, na ontologia sartreana, como um nada que pode tornar-se alguma coisa, Fanon, em concordância com isto, aponta para uma “zona do não-ser” onde um “autêntico ressurgimento pode acontecer” (2008, p. 25), não obstante, conforme argumenta Gabriel (2021) é possível entender que para Fanon a tentativa colonial de doar uma essência negra aos sujeitos colonizados, nessa situação de



dominação colonial pode preceder a existência ou chegar a “tomar o para-si” do outro, implicando na dificuldade, para a pessoa negra, da descida aos “verdadeiros infernos” onde se daria a liberdade.

A existência condenada, portanto, diria respeito não a uma liberdade *a priori* como proposto por Sartre e Heidegger, mas uma condenação à situação de subjugação, exemplificada ainda pela morte não no horizonte espacial, mas como presença constante, sendo a evasão desta (por si mesmo e outros) elementos constitutivos da descolonialidade (Santos, 2017; Santos, 2018; Maldonado-Torres, 2007). Ademais, diante da lógica colonial é possível entender que o negro só poderia Ser e ser respeitado apresentando-se como pessoa, tão logo, branco, assim este deve manter sempre sua vigilância a fim de impedir que seja chamado a agir frente a violência e discriminação; o negro portanto deve constantemente se provar como *pessoa* diante do branco (Fanon, 2008; Souza, 1984).

A presença constante da violência e da morte é assinalada nos contos de Evaristo: “Assistiu inúmeras vezes, como testemunha cega e muda, a assaltos, assassinatos, tráfico e uso de droga nos vagões superlotados.” (Evaristo, 2014, p. 96); “Um ano e às vezes só meses variavam o tempo entre a data de nascimento de um e de outro. Alguns morreram também em datas bem próximas.” (Evaristo, 2014, p. 107)

O que temos em comum é o pó do qual somos feitos. É o pó que nos faz, mais nada. Mas o meu pó corre mais perigo. Meu pó vira cinza rápido. Quem incendeia? Pode ser a polícia, pode ser qualquer um de nós mesmo, grupos rivais (Evaristo, 2014, p. 104).

Sendo passível até de um combinado na tentativa de manter a vida: “A morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos. Dorvi se lembrou do combinado, o juramento feito em voz uníssona, gritado sob o pipocar dos tiros: - A gente combinamos de não morrer!” (Evaristo, 2014, p. 99).

Não obstante, mesmo com a ameaça de morte, por vezes a vida em si é tida como mais ameaçadora que a morte. Isto pode ser observado em “Maria” onde a personagem que dá nome ao conto em meio a violência e a possibilidade real da morte revela que seu maior medo é na verdade a vida: “Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida.” (Evaristo, 2014, p. 41). Fanon (2008) denota a luta por reconhecimento da pessoa negra, sendo o “estremecimento da morte” (p. 182) parte do embate contra aqueles que hesitam em reconhecer esta humanidade. Em *Os Condenados da Terra* (1968) Fanon aponta que diante da opressão colonial viver “é não morrer. Existir é manter a vida” (p. 265).

Para Fanon (1968, 2008) mediante a invenção do negro frente ao colonialismo, nele é projetado tudo aquilo que é mal, ruim, diabólico, animalesco; processo esse enraizado também na cultura e mídia, assim o negro confunde-se com bandido, guiado por instinto e, portanto, passível de medo e capaz de violência contra o branco, tido como racional e puro em contraposto. A manutenção deste sistema colonial é abordada por Fanon (1968) ao apontar a divisão entre a cidade do colono e a do colonizado, sendo esta última a cidade do negro, do indígena, onde se nasce e morre de qualquer jeito, onde se falta alimento, roupas, condições materiais, etc. Divisão esta, mantida pela força repressiva do “soldado” e suas intervenções contra a população colonizada.

Em *Olhos D’água*: “Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda.” (Evaristo, 2014, p. 30) E “Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora.” (p. 76).

A fome, a miséria e a desesperança da vida nas favelas podem também ser observadas nos relatos reais de Carolina Maria de Jesus (1960/2016, p. 174) “16 de junho... Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti.” corroborando com o retrato pintado por Evaristo e os postulados de Fanon (2008, 1968). Assim como a morte, “Às vezes a morte é leve como poeira. E a vida se confunde com um pó branco qualquer. Às vezes é uma fumaça adocicada enchendo o pulmão da gente. Um tapa, dois tapas, três tiros...” (Evaristo, 2014, p. 100), a fome é apresentada diversas vezes como companheira constante:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida (p. 16).

Levado à última instância, o conjunto destas experiências, ou mesmo a intensificação de uma delas evidencia o suicídio como possível alternativa ao sofrimento da vida. “Não era preciso, porém, nem dor, nem lágrimas. [...] Naquela tarde, ainda no trabalho ele resolvera tudo. Num gesto desesperado e solitário bebera lentamente um veneno e decidira levantar para morrer no trem.” (Evaristo, 2014, p. 97).

Se a projeção do mal no negro leva a violência e repressão por um lado, a internalização desta, como propõe Fanon (2008), pode incorrer ou na valorização daquilo que é apontado como feio e perverso, ou na rejeição desta negritude, deste local de subjugação no qual o negro foi colocado, há assim a tentativa de afastamento, de embranquecimento por parte do negro. “Kimbá desceu um por um os degraus da escadaria da ladeira. Cá embaixo sentiu dor e alívio. Tinha conseguido sair do barraco. Deixar tudo para trás. Todos os



dias pensava que não conseguiria.” (Evaristo, 2014, pp. 88-89); “Kimba ia se distanciando do morro. Caminhava com passos seguros, tranquilos. A miséria e tudo que detestava tinha ficado para trás.” (p. 90). Aqui o distanciamento do barraco e de suas origens, para a cidade do colono onde o personagem se relaciona com os amigos brancos demonstra sua tentativa de fugir daquilo que é depositado sobre ele, a miséria associada à negritude, destacado também por Souza (1983).

Não obstante, isto não é o bastante para que ele se esqueça que deve tomar cuidado ao se relacionar com eles devido à sua negritude, o que causa uma divisão entre ser Kimba e Zezinho, “Ele detestava também ter de ser dois, três, vários talvez. Dava trabalho mudar o rosto, o corpo, mudar até o gosto. Seria tão bom se ele pudesse ser só ele. Mas o que era ser ele?” (Evaristo, 2014, p. 89); suas origens e suas ambições (brancas). De acordo com Fanon (2008), o modo como o negro se comporta com o branco não é o mesmo com o qual se comporta com seu semelhante, Souza (1984) por sua vez pontua a vigilância do negro frente ao branco. De fato, enquanto o conto começa se referindo ao personagem como Zezinho, na medida em que este se afasta do morro Kimba passa a ser adotado. A saída para este conflito, portanto, longe de se dar mediante ao afastamento, não está senão na desalienação tanto do negro quanto do branco frente à realidade do sofrimento imposto pela ferida colonial (Fanon, 2008).

Por outro lado, na narrativa de Evaristo, a miséria e marginalização tem também como consequência o envolvimento dos personagens em atividades criminosas, tendo nestas um meio de obter aquilo que é negado aos seus semelhantes. “Queria, pois, arrumar a vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos.” e “Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando.” (Evaristo, 2014, p. 74). Cabe aqui notar a diversidade de narrativas que constituem os contos e ainda, o local de protagonismo dado a estes personagens como importantes aspectos utilizados por Evaristo para fugir dos estereótipos de raça e aprofundar as temáticas abordadas.

A criminalidade associada ao negro, em particular aos norte-Africanos é discutida por Fanon em *Os Condenados da Terra* (1968), que se opõe às posições biologicistas e naturalizantes adotadas pela psiquiatria da época. Fanon aponta a situação colonial como mecanismo sobre o qual esta violência e criminalidade é engendrada. Para Fanon (1968), diante da dominação e subordinação à violência colonial, onde a segregação, a miséria e a fome dominam a vida do colonizado, viver se trata menos da propagação de valores sociais, mas sim da própria sobrevivência, deste modo reações violentas (intracomunitárias ou não) diante de repetidas privações e violações são possíveis mecanismos adotados pelo colonizado quando este não consegue direcionar seus esforços contra os responsáveis pela sua opressão.

Neste sentido, o seguinte trecho de “Ayoluwa, a alegria do nosso povo” ao abordar a banzo que aflige toda uma comunidade pode demonstrar o ciclo de violência instaurada pelo colonialismo e sua contínua exploração dos povos colonizados: “E até eles, os moços, começaram a se encafiar dentro deles mesmos, a se tornarem infelizes. Puseram-se a matar uns aos outros, e a tentarem contra a própria vida...” (Evaristo, 2014, p. 112). Assim, conforme visto em Fanon (1968; 2008), a morte seja por vias de assassinato ou suicídio, torna-se habitual, atravessando a vida dos personagens sem surpresa: “A visão dos corpos jovens dilacerados era a paisagem maior e corriqueira diante de nossos olhos.” Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos (2018) o homicídio é a principal causa de morte de adolescentes de 16 a 17 anos no Brasil, sendo estes majoritariamente (93%) do sexo masculino, o número de jovens negros assassinados é quase três vezes maior do que o de brancos constituindo uma lógica de extermínio já apontada por Fanon (2008).

Objetificação do Negro

O quarto tema explicita a objetificação dos corpos negros, esta objetificação frequentemente apresenta um tom sexual, apesar de aparecer também no sentido mais estrito de reprodução. É possível ver também nos personagens de Evaristo um incomodo com a própria sexualidade relacionado direta ou indiretamente à esta sexualização.

Em “Ana Davenga”, Davenga homem negro e traficante se envolve com uma mulher religiosa, que rejeita qualquer chance de um relacionamento que passasse de encontros sexuais. Em “Quantos filhos Natalina teve?” Natalina relata suas diversas experiências com a gravidez, sendo estas marcadas por aspectos negativos, “A terceira gravidez, ela também não queria. *Quem quis foi o casal para quem Natalina trabalhava.*” (Evaristo, 2014, p. 46) Neste caso em particular a gravidez de Natalina pertence mais a uma vontade externa do que a ela mesma.

Em “Os amores de Kimba”, é possível perceber algumas outras facetas desta objetificação. Inicialmente nota-se o próprio nome adotado pelo personagem central do conto, sendo dado a ele por um amigo branco, Gustavo, que demonstra interesse afetivo-sexual pela personagem: “O amigo notou a semelhança dele com alguém que ele havia deixado na Nigéria. Então, para matar as saudades que sentia do amigo africano, rebatizou Zezinho com o nome do outro. O brasileiro seria o Kimba.” (Evaristo, 2014, pp. 87-88) nota-se o dilema entre os dois nomes e possibilidades de ser já evidenciados pelo personagem, não obstante, o nome utilizado por ele é na realidade o nome de outro homem negro que marcou o amigo branco.



Similarmente, Beth, a terceira parte do trio, formado também por Kimbá e Gustavo, deseja possuir Kimbá; sua negritude não é jamais um fato irrelevante no relacionamento dos três: “Beth possuía Kimbá querendo ter certeza de que o homem era seu. [...] No dia em que Gustavo falou que ia apresentá-la a um negro lindo, Beth não se entusiasmou. Estava cansada dos exageros dele.” (Evaristo, 2014, pp. 91-92).

Não obstante, os olhares alheios e particularmente a atenção masculina incomoda Kimbá, a própria nudez após o sexo também. “Sabia-se alto. Sabia-se forte. Sabia-se bonito. As mulheres gostavam dele e os homens também. Aliás, foi uma descoberta que lhe assustou muito. Uma situação perturbadora que ele lutava para esconder: os homens gostavam dele também.” (Evaristo, 2014, p. 88).

Fanon (2008) discorre sobre as relações interracialis, tendo foco no par mulher negra-homem branco e de forma geral negligenciando a vivência da mulher preta, conforme já apontado. Não obstante, Fanon destaca assim a relação de poder e a alienação em jogo nestas relações. O complexo de inferioridade germinado no negro, segundo o autor, levaria à necessidade de reconhecimento por e inserção no mundo do branco, ou, de outro modo, *ser* branco, o que poderia levar ao interesse em um relacionamento com um homem ou mulher brancos.

Do mesmo modo, a visão do negro ou negra como selvagem e libidinoso, dotado de especial virilidade ou sensualidade atrairia o interesse dos brancos, que, em especial no caso do homem negro, poderiam desejar e temê-lo em medidas iguais. Ambas estas ideias partem então da internalização do conflito colonial, há uma objetificação do corpo negro a partir de sua pele e a raça constitui-se de forma relevante para o relacionamento afetivo-sexual dos personagens. Esta noção de potência e virilidade pode ser o motivo do desconforto de Kimbá em se despir, em atrair os olhares não só de mulheres e homens, mas também olhares curiosos de suas irmãs.

Ademais, faz-se presente a noção da mulher preta como lasciva e capaz de suprir os desejos do homem branco, sendo ela também aquela que cria e educa os filhos deste. Esta figura tem sido culturalmente construída desde a colonização, permeando o imaginário e as relações estabelecidas com a mulher negra (Maldonado-Torres, 2007; Fanon, 2008; Froz & Santos, 2017). Esta manipulação, construção e manutenção da figura da mulher negra baseada em estereótipos e valores externos, tidas como meio de manter as relações de poder estabelecidas diante do colonialismo são discutidas por Collins (2000), que as define como imagens de controle. Para Collins, estas figuras são utilizadas para manter a mulher negra atada aos interesses do patriarcado, sendo assim utilizada para justificar sua opressão nos mais diversos âmbitos (social, racial, econômico, sexual, etc.).

Neste sentido a figura de Natalina, em certa medida doando seu útero a seus patrões remete a figura da mulher negra vista como objeto sexual, aqui utilizada para fins reprodutivos. Apesar de ter sido escolhida da personagem, é impossível ignorar as relações de poder explícitas e implícitas no texto, remetendo à história silenciada de um sem número de mulheres exploradas e abusadas durante e após a colonização, cujas narrativas são até os dias de hoje em sua maior parte ignoradas (Gonzales, 1984; Froz & Santos, 2017; Carrijo & Martins, 2020).

Se Fanon é profundo ao analisar dialeticamente as relações humanas desumanizadas pela racialização, as questões de gênero não recebem por ele a mesma atenção. Por outro lado, Froz & Santos (2017) discutem as interseções entre raça, gênero e sexualidade em *Becos da Memória* (2013), também de autoria de Conceição Evaristo, as autoras postulam que a mulher negra tem sua feminilidade desvalorizada, sendo considerada um “corpo sem mente” (p. 204), imagem construída ao longo dos séculos e sendo fortemente associada ao trabalho, à reprodução e ao sexo. Esta visão é corroborada por Carrijo e Martins (2020) e demonstra a contínua subalternidade da mulher negra perante a sociedade, sendo ora estampada em capas de revista e sexualizada ora colocada na capacidade de empregada, ou ainda invisibilizada na figura de mãe. Este processo implica em diversas consequências sociais, físicas e psíquicas para a mulher negra que enfrenta a objetificação dupla do racismo e da misoginia (Gonzales, 1984).

O Lugar da Mulher Preta

O último tema também diz respeito ao Ser-mulher, colocando em questão o lugar que a mulher ocupa, seja em seus relacionamentos amorosos seja na violência sofrida por ser mulher e mulher preta, o lugar de mãe e esposa é visto, discutido e por vezes rejeitado. São várias as mulheres que surgem nas narrativas de Evaristo, demonstrando complexas relações consigo mesmas, seus corpos, sua sexualidade, outras mulheres ou homens e a maternidade. Novamente, aponta-se a negligência de Fanon ao abordar a vivência da mulher negra, deste modo foi necessário buscar outras fontes para realizar a análise do material de Evaristo, que por sua vez centraliza a experiência da mulher negra.

Em “Duzu-Querença”, a expressão da violência contra a mulher se faz presente, com a figura de prostitutas com as quais Duzu conviveu: “Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida.” (Evaristo, 2014, p. 34). Em “Beijo na face”, a personagem Salinda apresenta o sofrimento vivido em seu casamento, sentindo-se observada e controlada: “Estava sendo observada em todos seus movimentos. A vigilância sobre os seus passos pretendia, se possível, abarcar até seus pensamentos.” (Evaristo, 2014, p. 52). O controle aos poucos cede lugar também a outras formas de violência.



Em “Luamanda”, assim como em “Quantos filhos Natalina teve?” A violência se apresenta no abuso sexual por parte de um parceiro que não aceitou uma rejeição:

Se havia o amor na vida de Luamanda, também um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. E durante meses, o sangue menstrual de Luamanda, sangue de mulher que nasce naturalmente de seu útero-alma vinha misturar-se ao sangue e pus, dádivas dolorosas que ela ganhara de um estranho fim amoroso. E pior do que a dor foi a dormência de que foi atacada, em sua parte tão viva, durante meses a fio. Logo ali onde a vida se entranha e desentranha (Evaristo, 2014, p. 62).

Neste trecho em particular a violência toma ainda um outro sentido tendo em vista que Luamanda desde a primeira frase do conto se apresenta como dona de sua própria sexualidade, possuindo grande vaidade, a violência sexual poderia então ser entendida como punição pela “ousadia” de Luamanda em gozar plenamente de seu próprio corpo e sexualidade. Esta concepção é também discutida por Barbosa, Catoia e Souza (2021) que pontuam a noção moralizadora da violação, sendo o agressor responsável por punir aquelas mulheres transgressoras do sistema moral a elas imposto. Maldonado-Torres (2007) apoiado em Dussel e outros autores denota também a dependência do trabalho da mulher, a sexualização e a racialização como mecanismos coloniais que demonstram a prevalência da ideia da violação (sexual/fálica) do e no colonizador europeu, por vezes reproduzida pelo colonizado.

Em “A gente combinamos de não morrer” um dos personagens fantasia com sua morte e a morte da parceira, marcando assim a violência de gênero nos contos de Evaristo. A experiência desta violência é somada ainda à racial, novamente sendo levantada a questão da objetificação da mulher. Assim, retomando a noção de imagens de controle (Collins, 2000) se num primeiro momento há a figura da mulata como ser sexual e sedutor associada à imagem do carnaval e do mito da democracia racial, têm-se também a figura da doméstica, sua contrapartida no dia-a-dia que é responsável pelo trabalho braçal, e a mãe preta, remetendo a mulher negra que cria e educa os filhos da casa grande tendo que abandonar aos seus sem nunca ser reconhecida por isto e ademais tendo sua racialidade, voz e histórias apagadas pelas famílias brancas a quem serve. Estas três figuras circundam o imaginário brasileiro, mantendo a mulher negra na sua posição de subalternidade, sendo utilizadas para propagar o mito da democracia racial e justificar a marginalização da negra e a violência simbólica ou física sofrida por ela (Gonzales, 1984; Froz & Santos, 2017; Carrijo & Martins, 2020).

Neste sentido, cabe pontuar também os altos índices de violência contra a mulher, em particular as mulheres negras, que são silenciadas mesmo no momento da denúncia como indicam Carrijo e Martins (2020), assim se há um apagamento das vozes femininas frente ao abuso sofrido em casa, este se dá de forma ainda mais intensa para mulheres negras com a naturalização da violência neste e outros âmbitos.

O lugar de mãe também é abordado, seja com a rejeição deste “Filhos? Não sou boba, só dois. Cuspi fora uns quatro ou cinco. Provoquei.” (Evaristo, 2014, p. 101), abordando aqui também a questão do aborto, que levanta também a culpa e a religiosidade das personagens; ou ainda a partir da aceitação e ocupação da função materna (para seus filhos e o de outras): “Meu leite jorra para o alimento de meu filho e de filhos alheios. Quero contagiar de esperanças outras bocas. [...] Biunda tem o leite escasso, Lidinha trabalha o dia inteiro. Elas trazem as meninhas para eu alimentar.” (p. 109). Há ainda espaço para os sentimentos conflitantes sobre a maternidade e o lugar de esposa:

A quarta gravidez de Natalina não lhe deixava em dívida com pessoa alguma. Não devia o prazer da descoberta ao iniciar-se mulher, como tinha sido nos encontros com Bilico. Não devia nada, como na segunda barriga, quando ficou devedora diante da inteireza de Tonho, que se depositava pleno sobre ela, esperando que ela fosse viver com ele dias contínuos de um casal que acredita ser feliz. [...] Agora teria um filho que seria só seu, sem ameaça de pai, de mãe, de Sá Praxedes, de companheiro algum ou de patrões (Evaristo, 2014, pp. 48-49).

Assim Evaristo circunda os espaços designados para a mulher preta, de esposa, mãe, trabalhadora, corpo sem mente, objeto de prazer. As personagens de seus contos nitidamente enfrentam questões de gênero às quais mulheres negras são submetidas todos os dias, no entanto a diversidade de atitudes de suas personagens diante dos papéis geralmente reservados às mulheres demonstra o cuidado em representar tanto a dor e opressão sofrida quanto o prazer e resistência destas mulheres em sua (des)construção da feminilidade destas, como também observado por Froz e Santos (2017).

Cabe notar também a construção de personagens negros que vão contra o comumente percebido na literatura (Dalcastagnè 2008; Massuela, 2018; Dantas & Florencio, 2018) se há a presença de estereótipos e clichés (criminal, traficante, doméstica etc.) há também a quebra de expectativa por parte da autora, seja com a humanização destas personagens para além de suas ações criminosas ou violentas, o que é pouco visto quando utilizado por autores brancos em narrativas focadas em personagens brancos (Assis, 2020), ou ainda com a representação do amor e do romance em seus contos, mesmo com estas personagens. Este último fator



se faz relevante na medida em que há ainda na literatura a associação do amor ao par heterossexual branco, havendo a presença da noção de embranquecimento nos relacionamentos interracialis. A literatura negra ao demonstrar laços de afeto e união entre negros e negras, assim como a possibilidade de amor e família além do compartilhamento do fardo imposto pelo racismo abriria espaço então para outras, melhores, representações da negritude. O amor negro é, portanto, ferramenta de resistência aos mecanismos ideológicos coloniais que perpetuam o racismo (Assis, 2020).

Considerações Finais

Diante desta análise, é possível entender que as narrativas de Evaristo permitem a articulação entre ficção e realidade de maneira a desvelar experiências compartilhadas, partindo do particular para enunciar o que tem historicamente sido silenciado. Na psicologia, assim como na literatura, há um silenciamento quanto ao ser negro e a opressão sofrida diante do racismo. No âmbito da psicologia, este silenciamento se apresenta com a reprodução de teorias eurocêntricas que ignoram as particularidades da experiência das populações marginalizadas, muitas vezes por despreparo diante da hegemonia de autores e pensadores brancos e europeus ensinados em cursos de psicologia.

Ao denunciar a condição subalternizada do negro expressa nas obras analisadas, o presente estudo permitiu o desvelamento da condição existencial do ser preto presente na escrita de Evaristo articulado aos apontamentos da obra fanoniana, explicitando ainda pontos de encontro entre estas obras e a psicologia fenomenológica-existencial e ao pensamento decolonial. Espera-se assim ampliar esta discussão dentro da psicologia podendo contribuir para esforços de construção de práticas terapêuticas mais apropriadas à esta população frente ao sofrimento e conflitos psíquicos instaurados frente à colonialidade e o racismo.

Futuros estudos poderiam melhor se debruçar sobre as temáticas aqui expostas, em especial aqueles referentes ao racismo e a misoginia sofrida por mulheres negras, além de explorar melhor a própria obra fanoniana e de autores decoloniais que se debruçam sobre raça e colonialidade. Ademais, poderiam atuar junto à população negra e investigar a utilização da escrevivência aliada a práticas terapêuticas e de resistência frente aos impactos psíquicos do racismo e as vivências da negritude no cotidiano da população brasileira.

Referências

- Assis, M. S. (2020). Quem (não) tem medo da literatura negra? O amor negro no combate ao genocídio do branqueamento. *Cadernos de Literatura Comparada*, (43), 233-253.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barbosa, M. D., Catoia, C. D. C., & Souza, M. D. D. (2021). Prostituição, Direito e Feminismos: reflexão sobre o crime de estupro no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 29(3).
- Barossi, L. (2017). (Po)éticas da escrevivência. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (51), 22-40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018512>
- Bispo, E. F. & Lopes, S. A. T. (2018). Escrevivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo. *Revista Língua & Literatura*, 35(20), 186-201.
- Brasil. Ministério dos Direitos Humanos. (2018). *Letalidade infanto-juvenil: dados da violência e políticas públicas existentes*. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/consultorias/conada/letalidade-infanto-juvenil-dados-da-violencia-e-politicas-publicas-existent>
- Capécia, M. (1948). *Je suis Martiniquaise*. Paris: Correa.
- Carrijo, C., & Martins, P. A. (2020). A violência doméstica e racismo contra mulheres negras. *Revista Estudos Feministas*, 28(2).
- Collins, P. H. (2000). *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge.
- Dalcastagnè, R. (2008). Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, 31, 87-110.
- Dantas, C. & Florencio, A. (2018). Racismo institucional midiático - A representação das mulheres afrodescendentes na mídia televisiva pernambucana. *Anais, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Joinville, SC: INTERCOM. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-0879-1.pdf>



- Evaristo, C. (2009). Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, 13(25), 17-31.
- Evaristo, C. (2014). *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Mini.
- Fanon, F. O. (1968). *Os condenados da terra* (J. L. Melo, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A.
- Fanon, F. O. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. (R. Silveira, Trad.). Salvador: EDUFBA.
- Fanon, F. O. (2022). Trait d'Union n° 138, Sexta-feira, 6 de março 1953. Em F. O. Fanon *Frantz Fanon pelos textos da época* (E. C. S. Sobrinho, Trad.). Salvador: Segundo Selo.
- Faustino, D. M. (2020). Sartre, Fanon e a dialética da negritude: Diálogos abertos e ainda pertinentes. *Entre-Letras*, 11(2), 74-101.
- Ferrara, J. A. (2019). Diálogos entre colonialidade e gênero. *Revista Estudos Feministas*, 27.
- Froz, S. S., & Santos, S. M. P. dos. (2017). Sexualidade e cor em becos da memória, de conceição evaristo. *Interfaces Científicas - Humanas E Sociais*, 6(2), 199-208.
- Gabriel, N. L. D. (2021). *A liberdade em Frantz Fanon: a existência aos olhos dos condenados*. Guarapuava, PR: Apolodoro Virtual Edições.
- Gabriel, N. L. D. (2022). Contribuições do pensamento de Frantz Fanon para a psicologia existencial. Em F. F. S. Melo & G. A. O. Santos (Orgs.) *Psicologia fenomenológica e existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação* (pp. 79-100). Santana de Parnaíba (SP): Manole.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Gonzales, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 2(1), 223-244.
- Gordon L. R. (2015). *What Fanon said, a philosophical introduction to his life and thought*. New York: Fordham University Press.
- Gouveia, M. & Zanello, V. (2019). Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. *Psicologia em Estudo*, 24, e42738.
- Hall, S. (1996). The After Life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why Now? Why Black Skin, White Masks?. Em Read, Alan (ed.), *The Fact of Blackness: Frantz Fanon and Visual Representation* (pp. 12-37). London: Institute of Contemporary Arts.
- Jesus, C. M. (1960/2016). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Ática.
- Leite, R. F. (2017). A perspectiva da análise de conteúdo na pesquisa qualitativa: algumas considerações. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(9), 539-551.
- Maldonado-Torres, N. (2007). Sobre la colonialidad del Ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. Em S. Castro-Gomés & R. Grosfoguel, *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 127-167). Bogotá: Siglo del Hombre Editores.
- Massuela, A. (2018). *Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro*. Revista Cult. Disponível em: <https://revista-cult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>
- Rice, E. (1914). *Tarzan of the apes*. Chicago: A. C. McClurg.
- Santos, G. A. O. (2017). Psicologia fenomenológico-existencial e pensamento decolonial: um diálogo necessário. *Revista do NUFEN*, 9(3), 93-109.
- Santos, G. A. O. (2018). Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus: testemunho de uma existência condenada. *PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, 77-89.
- Santos, G. A. O. (2022). Pensamento decolonial e psicologia existencial. Em F. F. S. Melo & G. A. O. Santos (Orgs.) *Psicologia fenomenológica e existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação* (pp. 1084-947). Santana de Parnaíba (SP): Manole.
- Silva, A., & Fossá, M. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, 16(1).



- Soares, L. V., & Machado, P. S. (2017). "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, 17(39), 203-219.
- Sousa, R. L. C. & Freitas, R. V. (2021). A genealogia negro-brasileira contemporânea de autoria feminina na literatura de Conceição Evaristo: Tempo, Temporalidade e Ancestralidade em Olhos d'água (2018). *Revista Criação & Crítica*, (29), 198-217.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Sapede, T. C. (2011). Racismo e dominação psíquica em Frantz Fanon. *Sankofa (São Paulo)*, 4(8), 44-52.
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal Revista de Psicologia*, 31(spe), 244-248.
- Wright, R. (1940). *Native son*. New York: Harper & Brothers.
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso.

Recebido em 29.08.2023 – Aceito em 16.04.2024